

2007/02/07

## O TERRORISMO TRANSNACIONAL – CONTRIBUTOS PARA O ENTENDIMENTO DA SUA ESTRUTURA, RECRUTAMENTO E FINANCIAMENTO. (II PARTE)

Francisco Proença Garcia

(Conclusão do ensaio com o mesmo título ontem publicado)

### 4. Recrutamento

Tendencialmente, na opinião pública perpassa a ideia de que o terrorismo está apenas **associado à pobreza**, à miséria humana; são as próprias Nações Unidas a reconhecer que existe uma relação muito próxima entre terrorismo e pobreza, sendo as regiões mais pobres do mundo as mais propensas à ocorrência de violência, assim como os países “fracos” são aqueles que apresentam condições mais favoráveis para a eclosão ou para servirem de “berço” ao terrorismo. Contudo, nos atentados de 11 de Setembro de 2001, pela análise das biografias dos suicidas, verificou-se que as fileiras do terrorismo também são preenchidas por indivíduos de nível social, económico e educacional, relativamente elevado.



As fontes de recrutamento e os motivos para adesão são diversos e estão sobretudo associadas à revolta com situações sociais degradantes, à ausência de instituições democráticas, a factores culturais considerados humilhantes, a injustiça, a desigualdades e a xenofobia, mas também segundo Zuhur (2005), os extremistas recrutam por uma crença recente na missão islâmica, a da'wa, e na glorificação da Jihad e do martírio, juntamente com o desejo de poder contribuir para a mudança do meio que os rodeia e do mundo em geral. A tudo isto acresce, o exponencial crescimento demográfico e o factor migratório, com o fluxo orientado predominantemente para os países do Ocidente, onde as novas comunidades que se instalam dificilmente são integradas nas sociedades locais, potenciando o acréscimo de desencantados e de potenciais filiados e combatentes pela alternativa apresentada pelo terrorismo.

Independentemente das formas de recrutamentos, para Amaro Monteiro (Monteiro, 1999-2000), é de esperar que de uma maneira geral o recrutamento se efectue indivíduos com os seguintes perfis psicológicos:

- Personalidades cujo comportamento se enquadre já no âmbito da criminalidade comum; baixa ou elementar escolaridade; origem social ao nível do subproletariado urbano; perfil solitário-sofredor; nula ou muito vaga consciência política; portador/a de traumas infantis e da adolescência propiciadores de uma permanente auto-alegação de “vítima”; vendo na sociedade a mãe-má de um pesadelo a apagar/destruir (pelo menos na recusa da responsabilidade). Propenso a “dedicar-se”, carente de ser “necessário”, este tipo psicológico é, na organização terrorista, aliciável e utilizável para todo o “trabalho menor”, após uma “consciencialização” que lhe resgate a “menoridade” na medida q.b.;
- Personalidades cujo comportamento é de aparência normal e está, no plano da criminalidade comum, fora de qualquer suspeita; escolaridade média ou alta, com razoável ou acentuada densidade de leituras; estrato burguês médio ou médio/alto; perfil intrinsecamente solitário/lábil, mas dotado de versatilidade e empatia quando em circunstância de “actor no palco”; frequente portador de complexo edipiano mal resolvido e de traumas juvenis; vítima real ou alegada de preterições políticas ou socio-profissionais; idealismo exaltado e colando-se a mania carismática (“ego” paranóide); perda progressiva do distanciamento crítico entre a ideologia/religião e a realidade, com hipertrofia simultânea do elemento utópico. A partir de determinado ponto, a amoralidade é nele dominante. Sociopata (?). Levado pela acção a não poder acreditar na própria morte, vê em todo o seu exterior uma culpa de sangue que só o sangue pode remir. Este tipo psicológico é, na organização terrorista, de aliciamento normalmente lento, dada a capacidade crítica. Aderindo, destina-se ao planeamento e/ou comando operacional. Dura enquanto for controlável.

É óbvio que os perfis descritos, não sendo universais nem rígidos, têm porém valor referencial; indexam-se aos contextos culturais e sociais do país ou área de recrutamento. Estas

personalidades são recrutadas essencialmente de duas as formas que designamos por recrutamento directo e recrutamento Indirecto.

### **A. Recrutamento directo**

Nesta forma de recrutamento o contacto com o elementos a recrutar é feito directamente e incide sobretudo em jovens previamente sondados e persuadidos, facilmente manipuláveis, que expressam a sua revolta contra a tirania, a injustiça e a corrupção existentes nos seus países, situações de que estas organizações tiram proveito, sendo por isso a forma de recrutamento mais eficaz (Zuhur, 2005).

O contacto com os futuros recrutas efectua-se sobretudo em mesquitas, ou nas escolas corânicas. A al Qaeda envia recrutadores que ou estão embedados nas mesquitas ou viajam de mesquita em mesquita, onde procedem à identificação de potenciais voluntários. Muitas vezes estes são seleccionados para viajar para um terceiro país como o Paquistão ou o Iémen onde a sua educação religiosa vai ser incrementada. Uma vez lá chegados, são isolados dos seus anteriores companheiros e mesmo da família e é-lhes ministrada formação religiosa mais avançada e recebem treino para a Jihad. O recrutamento também é efectuado em grupos radicais que apoiam ou dependem de alguma forma da organização e estão disseminados pelo mundo fora, sendo neste momento o Iraque considerado como o epicentro para atrair, organizar e treinar a nova geração de terroristas (Phillips, 2006).

Sharon Curcio (2005), um oficial reservista norte americano apresenta no seu estudo “as diferenças entre as gerações para travar a Jihad”, publicado na Military Review, uma interessante análise sobre as motivações para participar na Jihad e sobre a forma de recrutamento. Na base do seu estudo estão 600 entrevistas a prisioneiros detidos em Guantanamo.

Para Curcio desde o tempo em que se deu início à procura de combatentes estrangeiros para colaborarem no esforço de expulsão dos soviéticos de solo afegão, até ao 11 de Setembro de 2001, muitos jovens muçulmanos foram motivados pelas prédicas dos Imãs, a trocarem os seus lares e partirem para o montanhoso território da Ásia Central, Chechénia ou Palestina. O apelo à Jihad seduzia e funcionava como um ritual de transição para a idade adulta e era ainda o demonstrativo da devoção ao Islão, transformando-os em mujahedin.

No seu processo de recrutamento os aliciadores utilizavam múltiplos meios de persuasão, como por exemplo imagens de muçulmanos perseguidos e exibiam filmes onde se mostravam mulheres e crianças em sofrimento em campos de refugiados na Chechénia e na Palestina (Curcio, 2005). Ainda segundo este autor, de forma a cumprirem a Jihad eram oferecidas diversas alternativas aos jovens aliciados, como ensinar o Corão ou árabe; visitar um país-modelo de Sharia ou mesmo auxiliar irmãos muçulmanos a lutar contra os opressores ocidentais para extinguir a corrupção que ameaça o Islão em todos os lugares. A estas motivações Curcio acrescenta outras como o desemprego, problemas financeiros ou outros tipos de fracasso pessoal, referindo o exemplo de muitos dos detidos dos países do Golfo Pérsico, verem a Jihad como um “emprego alternativo.”

Por outro lado é curioso notar, e o autor salienta esse pormenor, que os jovens e educados de origem saudita foram motivados pelo desejo de descobrir as suas identidades e experimentarem um desafio; para os mais puristas, a Jihad era a grande oportunidade de junção do domínio espiritual com o material; para outros era a chance de provar sua masculinidade e, ainda para outros, oferecia alívio temporário da pobreza ou dos problemas do abuso de drogas. Houve recrutadores que utilizaram ainda o artifício da peregrinação para enganar alguns dos jovens aliciados (Curcio, 2005)

Para James Dunnigan (2006), uma das formas dos radicais islamitas obterem grande influência sobre as populações passa pelo controlo da acção educativa básica ou inicial. Na Arábia Saudita as escolas corânicas (madrassas), largamente apoiadas por instituições de caridade e por contribuições locais, utilizam cerca de 40% do tempo escolar a ensinar assuntos do foro religioso, com os restantes 60% a serem dedicados a disciplinas como Gramática, Retórica, Discurso Público, Lógica, Filosofia, Literatura Árabe, Lei Islâmica, Teologia, Medicina e Matemática, procurando-se acima de tudo formar jovens muçulmanos capazes e observadores. Além destes ensinamentos, nas madrassas, cujo número se avalia em cerca de 100.000 em todo o mundo, passam-se também mensagens como: “luta contra os infieis do mal” e “matem os judeus”, que são assim inculcadas nos jovens muçulmanos e é através destas que a al Qaeda e outras organizações extremistas capitalizam seguidores e apoiantes (Dunnigan, 2006). Porém, não devemos esquecer que, tal como Bergen e Pandey (2005) adiantam, estas escolas “do not teach the technical or linguistic skills necessary to be an effective terrorist”.

Como uma organização que se modifica e adapta constantemente, procurando novas formas de

evitar a detecção ou dos seus membros serem capturados, a al Qaeda tem procurado a surpresa e a exposição mínima, recrutando operacionais oriundos não só de países muçulmanos mas também em países como a Grã-Bretanha, França, Austrália e os próprios EUA (Jacquard, 2001).

## **B. Recrutamento indirecto**

Esta forma de recrutamento engloba todos os processos utilizados pela al Qaeda para integrar novos membros, sem que exista numa abordagem inicial um contacto ou interacção directa entre a entidade recrutadora e o elemento a recrutar. Aqui a acção cinge-se ao campo das emoções, sendo utilizados os conhecimentos das leis da psicologia, da psicossociologia e da psicotecnologia para influenciar crenças e sentimentos. Destes processos os mais conhecidos são a divulgação de cassetes vídeo, as intituladas Cassetes de Recrutamento da al Qaeda, (Bulliet, 2006) produzidas por apoiantes de Bin Laden e onde surgem imagens do próprio, além de propaganda sobre o estado do mundo muçulmano, das causas desse estado e a solução para o mesmo, que não é senão a “guerra sagrada” contra os infiéis.

Também a internet se tornou um novo meio de recrutamento e treino dos novos elementos, de captação de fundos e recursos, de divulgação e reivindicação das suas acções e de comunicação, tudo isto com facilidade de acesso e a possibilidade de anonimato quase garantida, mesmo com a intensa vigilância a que esta rede está agora sujeita. O grupo liderado por Al-Zarqawi, por exemplo, colocou um vídeo on-line intitulado “Toda a religião será para Alá”, numa página da www com grandes recursos gráficos e com qualidade profissional, mostrando fotos dos mártires e o treino dos bombistas suicidas (Zuhur, 2005). A divulgação dos vídeos de decapitações de ocidentais infiéis na Internet e nas televisões de todo o mundo, tem sido também utilizada como propaganda para o recrutamento. Através destas decapitações, de raptos e de ataques bombistas no Iraque, a organização consegue dois resultados práticos: a propaganda à organização para atrair simpatizantes e a intimidação da população e dos “infiéis” (Zuhur, 2005).

Nesta forma de recrutamento os jovens entram num processo de auto-aprendizagem com recurso a manuais de guerra terrorista e gravações em vídeo ou CD. Quando e sempre que possível completam o seu treino a nível operacional com curtas passagens por grupos paramilitares no estrangeiro (Curcio, 2005). Segundo Sharifa Zuhur (2005), um dos mais poderosos argumentos para o recrutamento desta Jihad tem na sua génese a ocupação estrangeira e a presença militar em terreno muçulmano e, de acordo com a base de dados, on line, do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres, a base potencial de recrutamento da al Qaeda e as suas fontes de financiamento foram consideravelmente aumentadas pela invasão americana do Iraque, uma vez que subiram as contribuições de muçulmanos ricos e revoltados com escândalos como o das torturas e humilhações sexuais em Abu Ghraib ou, mais tarde, as notícias da colocação do Corão junto às sanitas das celas de Guantanamo.

Os grupos extremistas conhecem perfeitamente as potencialidades da cobertura dos atentados pelos media sendo isso evidente numa carta entre dois líderes da al Qaeda, al-Zawahiri para al-Zarqawi, onde este refere “we are in a battle, and that more than half of this battle is taking place in the battlefield of the media” Por outro lado também sabem que os ataques suicidas são multiplicadores de força; atraem os media; são relativamente “económicos” e adaptados à natureza irregular da organização e aumentam o recrutamento, sendo curioso verificar o aumento crescente de mulheres suicidas (Zuhur, 2005). Heitor Romana considera ainda uma outra forma de recrutamento, o “free lancer”, que assenta em operacionais organizados em células activas ou que podem mesmo estar “adormecidas”, bem como no apoio logístico que essas mesmas células podem proporcionar (2004).

## **5. A análise estatística**

A partir da análise e descrição efectuadas, pensamos agora ser interessante quantificar incidentes, baixas (mortos e feridos) e custos associados. Apresentamos algumas tabelas extraídas da Terrorism Knowledge Base. Esta base de dados é uma boa ferramenta analítica e permite criar não só gráficos como tabelas sobre incidentes terroristas.

Tabela que relaciona incidente por alvos:

Terrorist Incidents > by TargetRange: 01/01/1968 - 01/07/2007

**Target**

**Incidents Injuries Fatalities**

Abortion Related	5	2	2
Airports & Airlines	809	2395	2181
Business	3547	13543	5412
Diplomatic	2689	8472	1208
Educational Institutions	630	1461	570
Food or Water Supply	12	5	0
Government	4896	10237	5191
Journalists & Media	600	408	295
Maritime	132	293	130
Military	821	4681	1611
NGO	344	301	330
Other	2118	2790	2518
Police	3886	13133	7414
Private Citizens & Property	5376	23160	11016
Religious Figures/Institutions	1268	6590	2454
Telecommunication	161	78	63
Terrorists/Former Terrorists	272	544	462
Tourists	260	1875	676
Transportation	1218	13603	2565
Unknown	778	1102	411
Utilities	1136	558	427
<b>TOTAL</b>	<b>30958</b>	<b>105231</b>	<b>44936</b>

Ou por mês:

Terrorist Incidents > by MonthRange: 01/01/1968 - 01/07/2007

<b>Month</b>	<b>Incidents</b>	<b>Injuries</b>	<b>Fatalities</b>
January	2612	5954	2944
February	2546	6971	3241
March	2722	14833	3704
April	2496	7921	3232
May	2510	7059	3339
June	2595	6927	3599
July	2939	9127	4014
August	2851	14637	4293
September	2526	11150	6873
October	2688	8201	4094
November	2166	6201	2721
December	2307	6250	2882
<b>TOTAL</b>	<b>30958</b>	<b>105231</b>	<b>44936</b>

Ou mesmo pela classificação do grupo terrorista:

Terrorist Incidents > by Group ClassificationRange: 01/01/1968 - 01/07/2007

<b>Group Classification</b>	<b>Incidents</b>	<b>Injuries</b>	<b>Fatalities</b>
Anarchist	121	16	1
Anti-Globalization	216	98	22
Communist/Socialist	3708	6656	2823
Environmental	72	42	3
Leftist	432	337	125
Nationalist/Separatist	4723	26925	9800
Other	299	712	338

Racist	41	79	7
Religious	2572	36938	13270
Right-Wing Conservative	127	93	275
Right-Wing Reactionary	14	10	14

Estes dados estão disponíveis on line em <http://www.tkb.org/AnalyticalTools.jsp>. Porém, as análises estatísticas dependem de diversas condicionantes, como por exemplo da própria definição adoptada para o fenómeno. Por exemplo, para Frey e Luechinger (2003), da Universidade de Zurique, os incidentes em Nova Iorque contra as torres gémeas são contabilizados como um ou dois atentados? E podemos depois comparar a dimensão desta tragédia numa escala idêntica à de um sequestro de uma alta individualidade? Ou este será apenas, na melhor das hipóteses, um método genérico de abordagem do problema?

Encontramos muitas vezes discrepância nos resultados face aos conceitos utilizados para a análise do mesmo fenómeno. Porém, independentemente do que se pretende quantificar e da escala utilizada, estas análises explicativas e retrospectivas são sempre importantes e úteis para fins académicos mas, em nossa opinião, também o são sobretudo para órgãos e ou entidades que efectuem a gestão das consequências dos atentados pois permite-lhes, a partir das lições aprendidas, estimar custos, criar cenários e treinar modalidades de acção para esses cenários no sentido de minimizar vulnerabilidades, maximizando as suas potencialidades de actuação.

Ao nível dos custos associados aos atentados limitamo-nos a expressar a preocupação do Banco Mundial, para quem um ataque terrorista tem hoje consequências económicas devastadoras e globais. Segundo aquela Instituição, o bem-estar de milhões de pessoas seria afectado, inclusive no mundo em desenvolvimento. Como exemplo refere-se o caso do ataque às torres gémeas em Nova Iorque que, só por si, teve um efeito de ressonância que provocou um aumento de 10 milhões de pessoas a viverem na pobreza, sendo os custos totais na economia mundial estimados em 80 biliões de dólares (Nações Unidas, 2004, 19).

**Considerações finais** Com esta breve análise sobre um fenómeno que se constitui como uma das principais ameaças transnacionais esperamos ter contribuído para a reflexão e ter aberto novos rumos, para o aprofundar da investigação sobre os objectivos, a natureza, a estrutura, as formas de recrutamento e de financiamento do terrorismo transnacional. Antes compreendermos a tempo o fenómeno, para assim podermos delinear eventuais cenários de evolução e prever formas de actuação, com modalidades de acção estratégica para lhe fazer face, quer através de medidas activas, quer passivas ou, na pior das hipóteses, para ser possível planear a gestão das consequências após a concretização de um atentado.

Bibliografia e outras fontes:

ANGOUSTURE, Aline; PASCAL, Valérie (1996), Diasporas et financement des conflits. In, JEAN, François et RUFIN, Jean-Christophe (Coord.), Economies des Guerres Civiles. Paris: Hachette, p. 495 -542. BARÁBASI, Albert-Lászlo (2003), Linked. How everything is connected to everything else and what it means for Business, Science, and Everyday Life. Massachusetts: Plume. BAUER, Alain; RAUFER, Xavier (2003), A Globalização do terrorismo. Lisboa: Prefácio. BERGEN, Peter and PANDEY, Swati (2005), The Madrasa Myth, in New York Times, June 14. BYMAN, Daniel [et. al] (2001) - Trends in outside support for insurgent movements. Santa Monica: Rand Corporation. CARPENTER, Ted Galen (2004) - How the Drug War in Afghanistan Undermines America's War on Terror, in Foreign Policy Briefing, nº. 84, November, Cato Institute. CURCIO, Sharon (2005), The differences between Generations for stopping Jihad, in Military Review, Novembro-Dezembro. DUNNIGAN, James (2006), Subversive schools that train terrorists, StrategyWorld.com. European Communities, (2002), Council Framework Decision of 13 June 2002 on combating terrorism; (2002/475/JHA), in Official Journal of the European Communities; 22/6/2002. FREY, Bruno e LUECHINGER, Simon (2003), Measuring Terrorism Institute for Empirical Research, in Economics, University of Zurich. GARCIA, Proença (2006), O Fenómeno subversivo na actualidade. Contributos para o seu estudo, in Nação e Defesa, N.º 114, Lisboa: IDN, p. 169-191. (2000), Os Movimentos independentistas, o Islão e o Poder Português (Guiné 1963 – 1974). Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar. GUEDES, Marques (2006), Ligações perigosas: conectividade, coordenação e aprendizagem em redes terroristas. (No prelo). GUNARATNA, Rohan (2004) No Interior da al Qaeda – Rede Global do Terror. Trad. Portuguesa, Lisboa: Relógio D'Água. JACQUARD, Roland (2001), Osama Bin Laden – A estratégia

do Terror. Lisboa: Editora Livros do Brasil. LOUSADA, Abílio (2006), Revisitar o 11 de Setembro. O terrorismo e as relações transatlânticas, in, Estratégia n.º XVI. Lisboa: Instituto Português da Conjuntura Estratégica. MACKINLAY, John (2002), Globalisation and insurgency. Adelphi Paper 52. Oxford: Oxford University Press. MONGIARDIM, Regina (2004), Considerações Sobre o Fenómeno do Terrorismo. In, Informações e Segurança: Livro em Honra do General Pedro Cardoso. Lisboa: Editora Prefácio. p. 411-428. MOREIRA, Adriano (1995), Poder Funcional – Poder Errático, Separata da Revista Nação e Defesa, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, Out./Dez., nº 12, s/a. MOREIRA, Adriano (2004), Insegurança sem Fronteiras: o Martírio dos Inocentes. In Adriano Moreira (coord.). Terrorismo. Coimbra: Almedina. p. 121-146. PHILLIPS, James (2006), The Evolving al Qaeda Threat. The Heritage Foundation, Março. ROMANA, Heitor (2004), O Novo modelo do terrorismo islâmico: desafios à análise em informações estratégicas. In, Informações e Segurança: Livro em Honra do General Pedro Cardoso. Lisboa: Editora Prefácio. p. 257-270. SANTOS, Loureiro dos (2004), Convulsões - Ano III da guerra ao terrorismo. Lisboa: Europa-América. SINGER, Peter (2004), The war on terrorism: the big picture. In, Parameters. Carlisle: U.S. Army War College, Summer, p. 141-148. SMITH, Paul (2002), Transnational Terrorism and the al Qaeda Model: Confronting New Realities; in Parameters; US Army War College Quarterly; Vol. XXXII; No. 2; Summer 2002; STRATEGOR (2000), Política global da empresa. Lisboa: Dom Quixote. White House (2006), The national security strategy of the United States of America. [www.tkb.org/AnalyticalTools.jsp](http://www.tkb.org/AnalyticalTools.jsp). ZUHUR, Sharifa (2005), A hundred Osamas: Islamist Threats and the future of

1 - Major de Infantaria. Professor de Estratégia no Instituto de Estudos Superiores Militares.

2 - Podemos detalhar sobre este documento refere ainda a necessidade de se conquistar o importante apoio da população, disponível em <http://www.dni.gov/releases.html>

### **36 TEXTOS RELACIONADOS:**

**2012/07/27**

#### **O TERRORISMO JIHADISTA NA EUROPA: ALGUMAS TENDÊNCIAS SOBRE RADICALIZAÇÃO E RECRUTAMENTO[1]**

*Francisco Jorge Gonçalves[2]*

**2011/05/11**

#### **A MORTE DE BIN LADEN E O FUTURO DA AL QAEDA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/12/12**

#### **AINDA OS BLINDADOS E O PORQUÊ DAS COISAS**

*João José Brandão Ferreira*

**2008/12/10**

#### **CRIME ORGANIZADO E TERRORISMO NO SAHEL**

*José Vale Faria[1]*

**2008/10/10**

#### **OS TALIBÃS DE VOLTA A CABUL**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/09/27**

#### **TENDÊNCIAS DO TERRORISMO JIHADISTA, SETE ANOS APÓS O 11 DE SETEMBRO**

*José Vale Faria[1]*

**2008/06/29**

#### **O TERRORISMO NO PERU E A UNIÃO EUROPEIA**

*Marcelo Rech[1] (Brasil)*

**2008/06/05**

#### **ISLAMISMO RADICAL E JIHADISMO EM MARROCOS (I PARTE)**

*José Vale Faria*

**2008/06/05**

#### **ISLAMISMO RADICAL E JIHADISMO EM MARROCOS (II PARTE)**

*José Vale Faria*

**2008/05/09**

#### **A AMEAÇA CINZENTA (II PARTE)[1]**

*José Vegar[2]*

2008/05/08

**A AMEAÇA CINZENTA (I PARTE)[1]**

*José Vegar[2]*

2008/03/28

**HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE III**

*José Vale Faria[1]*

2008/03/27

**HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE II**

*José Vale Faria[1]*

2008/03/26

**HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE I**

*José Vale Faria[1]*

2008/02/07

**O TERRORISMO SUICIDA FEMININO: O CASO DOS TIGRES TAMIL**

*Daniela Siqueira Gomes [1]*

2007/09/11

**FARC: TERRORISMO, BRAVATAS E MUITO DINHEIRO**

*Marcelo Rech[1]*

2007/08/23

**PAQUISTÃO: ESCOLHAS DIFÍCEIS**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/07/04

**TERRORISMO EM LONDRES: SERVIÇOS SECRETOS EM ALERTA[1]**

*Fábio Pereira Ribeiro[2]*

2007/05/18

**GUERRA SUBVERSIVA NA WEB 2.0**

*Nuno Perry Gomes*

2007/05/11

**BRASIL E O CINISMO DAS FARC[2]**

*Marcelo Rech[1]*

2007/02/24

**COMO PODE SER CARACTERIZADA A ACÇÃO DA AL QAEDA NA MATRIZ DA GUERRA SUBVERSIVA (II PARTE)**

*Serrano, Custódio, Valente, Leal e Alves*

2007/02/23

**COMO PODE SER CARACTERIZADA A ACÇÃO DA AL QAEDA NA MATRIZ DA GUERRA SUBVERSIVA (I PARTE)**

*Serrano, Custódio, Valente, Leal e Alves*

2007/02/06

**O TERRORISMO TRANSNACIONAL – CONTRIBUTOS PARA O ENTENDIMENTO DA SUA ESTRUTURA, RECRUTAMENTO E FINANCIAMENTO. (I PARTE)**

*Francisco Proença Garcia[1]*

2007/01/15

**TERRORISMO[1]**

*Luís Sousa Leal*

2006/11/23

**LAS GUERRAS QUE NOS VIENEN**

*Miguel Fernández y Fernández [1]*

2006/05/04

**OS VOOS SECRETOS E A TORTURA NAS PRISÕES DA CIA**

*Marcelo Rech[1]*



**2005/10/21**

**TERRORISMO. ALGUMAS NOTAS SOLTAS**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/09/09**

**A ACTUALIDADE DE FUKUYAMA E HUNTINGTON**

*Pedro Carvalho*

**2005/08/01**

**Os ATENTADOS DE LONDRES (III)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/07/22**

**Os ATENTADOS DE LONDRES (II)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/07/10**

**Os ATENTADOS EM LONDRES**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/01/11**

**As VITÓRIAS DA ALCAIDA**

*António Borges de Carvalho*

**2004/12/14**

**PORQUE É QUE O OCIDENTE ESTÁ A PERDER A GUERRA CONTRA O TERRORISMO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/07/21**

**A IMPORTÂNCIA DE UMA DEFINIÇÃO DE TERRORISMO**

*Ana Manuel Ferreira Malheiro de Magalhães*

**2004/02/28**

**A GUERRA GLOBAL DOS EUA CONTRA O TERRORISMO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2003/09/22**

**O NOVO TERRORISMO**

*ES*